

Mulheres que Empreendem no Brasil: Desafios Sistêmicos e Estratégias de (Re)existência em um Cenário de Desigualdades

DANIELA DOS SANTOS SILVA

SUIANE VALENÇA BRANDÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE)

MULHERES QUE EMPREENDEM NO BRASIL: DESAFIOS SISTÊMICOS E ESTRATÉGIAS DE (RE)EXISTÊNCIA EM UM CENÁRIO DE DESIGUALDADES

1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo feminino tem ganhado destaque no cenário socioeconômico global, sendo um dos motores de inovação e crescimento econômico. No Brasil, a presença feminina no empreendedorismo tem se expandido significativamente nas últimas décadas, impulsionada por fatores como a busca por independência financeira, a necessidade de conciliar trabalho e família e o crescente reconhecimento do potencial das mulheres como líderes e gestoras de negócios (Urtado; Santos, 2023). De 2012 a 2023 a quantidade de mulheres empreendedoras aumentou de modo significativo, cujo crescimento está associado ao aumento de formalização, diversificação setorial e educação superior como fator diferencial (SEBRAE, 2024). De modo complementar, segundo o relatório do *Global Entrepreneurship Monitor (GEM)* de 2023, as mulheres chegaram a representar 54,6% dos possíveis empreendedores no Brasil, de um total de quase 48 milhões de empreendedores com intenção de ingressar no mercado até 2026 (VALOR ECONÔMICO, 2024). No tocante ao universo de mulheres proprietárias de Negócios, no último trimestre de 2023, 49,8% se declararam negras. Mulheres negras foram conquistando cada vez mais representatividade no decorrer dos anos, ganhando espaço e invertendo a prevalência a partir de 2016 (SEBRAE, 2024).

No entanto, apesar desse avanço, as empreendedoras ainda enfrentam desafios estruturais e culturais que dificultam sua plena inserção e sucesso no mercado, o que justifica a necessidade de uma análise mais aprofundada sobre as dificuldades e estratégias de superação desse público.

O crescimento do empreendedorismo feminino no Brasil está diretamente relacionado ao impacto econômico e social gerado pelas mulheres que optam por essa jornada. Segundo dados do *Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2020)*, muitas mulheres brasileiras iniciam seus negócios por necessidade, o que evidencia a falta de oportunidades formais de emprego e a necessidade de políticas públicas mais inclusivas para esse público (Jonathan, 2005). Além disso, o empreendedorismo feminino contribui para a redução das desigualdades de gênero no mercado de trabalho e fomenta a inovação e a competitividade econômica (Batista; Picheth, 2025).

Contudo, as mulheres empreendedoras lidam com barreiras significativas, como o difícil acesso ao crédito, a ausência de redes de apoio estruturadas, o preconceito de gênero e a dupla jornada de trabalho, fatores que impactam negativamente o crescimento sustentável de seus negócios (Dias *et al.*, 2024). Segundo Cardoso e Souza (2022), a participação feminina no empreendedorismo ainda está fortemente concentrada no setor de serviços e na economia informal, limitando as perspectivas de crescimento e profissionalização. A desigualdade estrutural persiste e afeta diretamente as oportunidades de financiamento, dificultando o desenvolvimento de iniciativas empreendedoras lideradas por mulheres (Da Rosa *et al.*, 2024).

Além disso, as dificuldades enfrentadas pelas empreendedoras não se restringem ao ambiente econômico, mas refletem também aspectos sociais e institucionais que perpetuam a exclusão feminina dos espaços de decisão e liderança. Estudos indicam que muitas mulheres empresárias lidam com a falta de redes de mentoria e apoio, o que impacta seu desenvolvimento profissional e a longevidade de seus negócios (Fabrício; Vizeu, 2024). Esse cenário reforça a necessidade de um olhar mais crítico sobre as políticas e programas de incentivo ao empreendedorismo feminino no Brasil, visando ampliar a participação e o reconhecimento das mulheres no ecossistema empresarial.

Diante desse contexto, este estudo busca responder à seguinte questão de pesquisa: quais são as principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres empreendedoras no Brasil e quais estratégias podem ser adotadas para superá-las?

A metodologia adotada para este estudo baseia-se na Revisão Narrativa da Literatura, com análise de fontes bibliográficas nacionais e internacionais que abordam o empreendedorismo feminino. O objetivo é consolidar conhecimentos sobre as dificuldades enfrentadas por mulheres empreendedoras no Brasil e as estratégias utilizadas para superá-las, considerando a revisão de livros, artigos científicos e relatórios institucionais (Gimenez; Ferreira; Ramos, 2017). Dessa forma, busca-se compreender a evolução do tema, identificar os principais desafios e destacar boas práticas que podem contribuir para o avanço do empreendedorismo feminino.

A justificativa deste estudo está na importância do empreendedorismo feminino como vetor de transformação social e econômica. Além de promover a autonomia financeira das mulheres, o fortalecimento de seus negócios impacta diretamente a redução da desigualdade de gênero e o desenvolvimento de comunidades (Rocha; Reis, 2024). Segundo Moreira e Andreassi (2020), incentivar o empreendedorismo feminino não apenas amplia a diversidade no ambiente empresarial, mas também estimula a inovação e gera novas oportunidades de emprego.

Diante desse panorama, o presente estudo tem como objetivo geral analisar as principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres empreendedoras no Brasil e as estratégias utilizadas para superá-las.

Para alcançar os objetivos propostos, o presente trabalho está estruturado em cinco seções. Após esta introdução, a Seção 2 apresenta a metodologia adotada, detalhando o tipo de revisão, os critérios de seleção e a estratégia de busca da literatura. A Seção 3 é dedicada à fundamentação teórica, dividida em quatro eixos: o panorama da participação feminina no empreendedorismo brasileiro; as principais dificuldades enfrentadas por mulheres empreendedoras; as estratégias de superação e boas práticas; e as reflexões críticas e perspectivas futuras. Em seguida, a Seção 4 traz a discussão dos achados e suas implicações para a promoção de um ambiente mais equitativo. Por fim, a Seção 5 apresenta as conclusões do estudo, acompanhadas de sugestões para futuras pesquisas no campo do empreendedorismo feminino.

2 METODOLOGIA

2.1 Tipo de Revisão e Justificativa

Este estudo adota a metodologia de Revisão Narrativa da Literatura, que permite uma síntese teórica e crítica das pesquisas existentes sobre o empreendedorismo feminino no Brasil. A revisão narrativa é uma abordagem amplamente utilizada em estudos qualitativos, pois possibilita a exploração aprofundada de temas complexos, como as barreiras estruturais enfrentadas pelas mulheres empreendedoras e as estratégias de superação adotadas.

A escolha dessa abordagem justifica-se pelo objetivo do estudo de consolidar conhecimentos sobre o tema a partir da análise de pesquisas acadêmicas e relatórios institucionais, sem a necessidade de aplicação de métodos estatísticos ou experiências empíricas diretas. Dessa forma, a revisão narrativa permite não apenas compreender o panorama atual do empreendedorismo feminino no Brasil, mas também identificar tendências, desafios e soluções que possam ser aplicadas em futuras pesquisas e formulação de políticas públicas (Gimenez; Ferreira; Ramos, 2017).

2.2 Estratégia de Busca e Seleção da Literatura

A seleção dos estudos que compõem esta revisão foi conduzida por meio de buscas em bases de dados acadêmicas amplamente reconhecidas, como o Portal de Periódicos da CAPES e o Google Scholar. Para assegurar a atualidade e a relevância científica das fontes utilizadas, foram definidos critérios rigorosos de inclusão. Foram considerados apenas trabalhos publicados entre os anos de 2019 e 2025, com ênfase em estudos revisados por pares e artigos oriundos de periódicos acadêmicos. Além disso, foram selecionadas produções que tratassem especificamente do empreendedorismo feminino no contexto brasileiro, bem como aquelas que investigassem as barreiras estruturais enfrentadas por mulheres empreendedoras e as estratégias adotadas para sua superação.

Foram excluídos da presente revisão os estudos que abordavam o empreendedorismo de forma geral, sem recorte de gênero, bem como aqueles que se dedicavam exclusivamente à análise de contextos internacionais. Também não foram considerados os trabalhos que não passaram por processo de revisão por pares ou que não estavam indexados em bases de dados acadêmicas reconhecidas. A busca pelos materiais relevantes foi realizada por meio da utilização de palavras-chave estratégicas, tais como: “empreendedorismo feminino”, “barreiras ao empreendedorismo feminino”, “mulheres empreendedoras no Brasil”, “gênero e empreendedorismo”, “maternidade e carreira” e “políticas públicas para mulheres empreendedoras”.

2.3 Método de Análise dos Estudos

A literatura selecionada foi sistematizada em eixos temáticos, com o objetivo de facilitar a análise qualitativa dos resultados e promover uma compreensão aprofundada das diferentes dimensões do empreendedorismo feminino no Brasil. O primeiro eixo abordou o panorama geral do empreendedorismo feminino no país, reunindo dados estatísticos, setores predominantes de atuação e características sociodemográficas das empreendedoras. Em seguida, foram discutidas as principais dificuldades enfrentadas por essas mulheres, com ênfase em barreiras estruturais como o acesso limitado ao crédito, o preconceito de gênero, a ausência de redes de apoio e os desafios relacionados à conciliação entre maternidade e carreira.

O segundo eixo concentrou-se nas estratégias e boas práticas identificadas, com destaque para iniciativas de natureza pública e privada voltadas à capacitação profissional, ao incentivo à inovação e ao fortalecimento da autonomia feminina por meio de tecnologias e redes colaborativas. O terceiro eixo analisou o impacto das políticas públicas no fomento ao empreendedorismo feminino, incluindo programas governamentais, incentivos financeiros e legislações específicas que buscam promover a equidade de gênero no ambiente empresarial.

A discussão dos achados foi conduzida com base em uma abordagem qualitativa, permitindo uma análise contextualizada das dinâmicas sociais, econômicas e culturais que influenciam o empreendedorismo feminino no Brasil. Tal abordagem contribui para a formulação de recomendações fundamentadas, voltadas à redução das desigualdades de gênero no setor produtivo.

3 EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL

3.1 Panorama da Participação Feminina no Empreendedorismo Brasileiro

A participação das mulheres no empreendedorismo brasileiro tem raízes históricas marcadas por desafios e avanços graduais. Desde o período colonial, a inserção feminina no mercado de trabalho esteve restrita a atividades domésticas e ao setor informal, refletindo uma cultura patriarcal que limitava sua autonomia econômica (Urtado; Santos, 2023). No entanto,

ao longo do século XX, com as transformações sociais e a crescente urbanização, as mulheres passaram a desempenhar um papel mais ativo na economia, sobretudo nos setores de comércio e serviços.

O avanço do empreendedorismo feminino no Brasil foi impulsionado por fatores como a necessidade de complementar a renda familiar, a busca por independência financeira e a dificuldade de acesso a oportunidades de trabalho formal. Segundo Silva *et al.* (2023), a inserção das mulheres no mundo dos negócios se intensificou nas décadas de 1980 e 1990, período marcado por crises econômicas que levaram muitas mulheres a empreender por necessidade, especialmente em pequenos negócios informais. Esse contexto demonstrou a resiliência e a capacidade de adaptação das mulheres frente às adversidades econômicas.

Com a chegada do século XXI, a participação feminina no empreendedorismo passou a ser impulsionada por fatores como o avanço da educação e o acesso a tecnologias digitais. Ribeiro *et al.* (2023) destacam que a ampliação do ensino superior e a maior disponibilidade de capacitações específicas para mulheres empreendedoras contribuíram para uma mudança de paradigma, permitindo que um número crescente de mulheres ingressasse em segmentos mais diversificados da economia. Apesar disso, a desigualdade de gênero ainda se faz presente, restringindo o crescimento de muitas empreendedoras.

Atualmente, o Brasil está entre os países com maior número de mulheres empreendedoras. De acordo com o relatório do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2020), as mulheres representam cerca de 34% dos empreendedores iniciais no país, embora a maioria delas ainda atue no setor de serviços e em negócios de menor escala. Martins, Gonçalves e Albuquerque (2023) indicam que a predominância da atuação feminina em áreas como beleza, alimentação e moda reflete tanto as oportunidades do mercado quanto a reprodução de estereótipos sociais que direcionam as mulheres para determinados tipos de negócio. Essa realidade evidencia a necessidade de políticas públicas e iniciativas privadas que incentivem a diversificação das áreas de atuação das empreendedoras.

A comparação entre o empreendedorismo feminino e masculino no Brasil revela diferenças significativas em termos de desafios enfrentados e oportunidades de crescimento. A tabela a seguir apresenta um panorama comparativo entre empreendedores homens e mulheres no Brasil, destacando fatores como taxa de empreendedorismo, motivação, setores de atuação e rendimento médio.

Tabela 1 - Comparação entre Empreendedorismo Masculino e Feminino no Brasil

Indicador	Mulheres	Homens
Taxa de Empreendedores Iniciais	15,4%	19,2%
Motivação por Necessidade	47%	34%
Setores de Atuação	Serviços (70%)	Comércio (45%)
Renda Mensal de até 3 Salários Mínimos	76%	64%
Escolaridade (Ensino Médio Completo ou mais)	61%	58%

Fonte: Global Entrepreneurship Monitor 2018; SEBRAE (2024).

A análise dos dados evidencia que as mulheres empreendedoras, em sua maioria, iniciam negócios por necessidade, enquanto os homens tendem a empreender por oportunidade. Esse fator reflete desigualdades estruturais no mercado de trabalho, que restringem as opções formais de emprego para as mulheres, levando-as a buscar alternativas empreendedoras para gerar renda (Santos *et al.*, 2024). Além disso, nota-se que a predominância feminina no setor de serviços está ligada a fatores culturais e históricos, que tradicionalmente associam as mulheres a determinadas atividades econômicas.

Outro ponto relevante é a diferença na renda gerada pelos negócios femininos em comparação aos masculinos. Como demonstrado na tabela, uma parcela significativamente

maior de mulheres empreendedoras tem rendimentos mensais de até três salários mínimos, o que sugere dificuldades no crescimento e escalabilidade dos negócios liderados por mulheres (Fabrício; Vizeu, 2024). Essa disparidade pode estar relacionada a fatores como menor acesso a financiamento, maior carga de trabalho doméstico e menores redes de apoio disponíveis para mulheres no ambiente empresarial.

Outro fator determinante para o fortalecimento do empreendedorismo feminino é a presença de redes de apoio e mentorias. Segundo Santos *et al.* (2020), a existência de redes de colaboração entre mulheres empreendedoras tem sido fundamental para o sucesso de seus negócios, proporcionando suporte técnico, emocional e estratégico. Associações e programas específicos voltados para o empreendedorismo feminino ajudam a reduzir as barreiras enfrentadas por essas empresárias e a ampliar seu acesso a capacitação e oportunidades de mercado.

Além das redes de apoio, as políticas públicas desempenham um papel crucial na promoção do empreendedorismo feminino. Batista e Picheth (2025) apontam que programas governamentais voltados para o fomento dos negócios femininos, como linhas de crédito diferenciadas e incentivos fiscais, são essenciais para garantir o crescimento sustentável das empreendedoras. No entanto, a eficácia dessas políticas ainda precisa ser ampliada para alcançar um maior número de mulheres e proporcionar suporte contínuo ao desenvolvimento de seus negócios.

A transformação digital também tem sido um fator-chave na democratização do empreendedorismo feminino. De acordo com Janssens e Romão (2022), a digitalização dos negócios permitiu que muitas mulheres ampliassem sua atuação no mercado, rompendo barreiras geográficas e reduzindo custos operacionais. Plataformas de e-commerce, redes sociais e serviços de pagamento digital têm sido ferramentas essenciais para o crescimento dos negócios liderados por mulheres, permitindo maior autonomia e alcance de clientes.

Entretanto, Rocha e Reis (2024) alertam para a necessidade de um maior investimento na capacitação digital das empreendedoras, pois muitas ainda enfrentam dificuldades na adoção de tecnologias. O déficit de conhecimento técnico pode limitar o potencial de crescimento dos negócios femininos, tornando essencial a criação de programas educacionais voltados para o aprimoramento digital e estratégico das empresárias.

Dessa forma, o panorama do empreendedorismo feminino no Brasil demonstra que, apesar dos avanços conquistados, ainda há desafios a serem superados para garantir maior equidade e oportunidades para as mulheres no mundo dos negócios. Conforme apontam Moreira e Andreassi (2020), a transformação desse cenário requer não apenas mudanças estruturais, como a ampliação do acesso a crédito e capacitação, mas também uma mudança cultural que valorize e reconheça o papel das mulheres como agentes fundamentais para o desenvolvimento econômico e social do país.

3.2 Principais Dificuldades Enfrentadas por Mulheres Empreendedoras

O empreendedorismo feminino tem crescido significativamente no Brasil, mas as mulheres ainda enfrentam diversos desafios estruturais e socioculturais para consolidar e expandir seus negócios. De acordo com Urtado e Santos (2023), as barreiras que limitam a atuação das empreendedoras estão diretamente ligadas a fatores como a desigualdade de gênero, a falta de acesso a crédito e a dificuldade de conciliar as responsabilidades empresariais e familiares. Esses obstáculos não apenas restringem o crescimento dos negócios liderados por mulheres, mas também evidenciam a necessidade de políticas e estratégias voltadas para a equidade no ambiente empresarial.

Uma das dificuldades mais recorrentes enfrentadas pelas mulheres empreendedoras é a obtenção de crédito para financiar seus negócios. Segundo Silva *et al.* (2023), mulheres

empreendedoras frequentemente encontram mais dificuldades para obter empréstimos e investimentos do que seus pares masculinos. Isso ocorre devido a fatores como a menor posse de garantias patrimoniais e o viés discriminatório por parte das instituições financeiras. Como resultado, muitas empresárias recorrem a recursos próprios ou informais, o que pode comprometer a sustentabilidade e o crescimento de seus negócios.

Além disso, a burocracia para abertura e manutenção de empresas no Brasil afeta especialmente as mulheres. Batista e Picheth (2025) argumentam que as empreendedoras frequentemente enfrentam dificuldades para regularizar seus negócios devido a processos excessivamente burocráticos, exigindo tempo e recursos que muitas vezes não possuem. A simplificação dos trâmites administrativos e a criação de linhas de crédito específicas para mulheres são alternativas que poderiam mitigar esse problema e estimular o crescimento dos negócios femininos.

A desigualdade de gênero no ambiente empresarial continua sendo um entrave significativo para o avanço das mulheres empreendedoras. Cardoso e Souza (2022) apontam que estereótipos de gênero ainda minimizam a credibilidade e a capacidade de gestão das mulheres, impactando sua participação em setores estratégicos e limitando suas oportunidades de crescimento profissional e empresarial. Esse preconceito também se reflete na dificuldade de obter investimentos e parcerias estratégicas, uma vez que muitas mulheres são subestimadas em negociações comerciais.

Outro desafio crucial é a sobrecarga de trabalho das mulheres empreendedoras, que precisam conciliar a gestão de seus negócios com as responsabilidades domésticas e o cuidado com os filhos. Segundo Santos *et al.* (2024), no Brasil, as mulheres dedicam, em média, quase o dobro do tempo que os homens às tarefas domésticas e ao cuidado familiar. Esse cenário impacta diretamente sua produtividade e disponibilidade para investir no crescimento de suas empresas. Programas de suporte, como creches acessíveis e incentivos à divisão equitativa das responsabilidades domésticas, poderiam ajudar a reduzir esse impacto e permitir que as mulheres se dediquem mais ao desenvolvimento de seus negócios.

A ausência de redes de apoio e mentorias eficazes também representa uma barreira para as mulheres empreendedoras. Martins, Gonçalves e Albuquerque (2023) destacam que, ao contrário dos homens, que frequentemente possuem mais acesso a redes de contato e oportunidades de negócios, muitas mulheres enfrentam dificuldades para estabelecer conexões estratégicas. Essa falta de networking limita sua inserção em mercados mais competitivos e reduz as oportunidades de aprendizado e crescimento.

Além disso, o acesso limitado a capacitação e treinamento empresarial impacta a competitividade das empreendedoras. Segundo Janssens e Romão (2022), apesar do aumento das iniciativas voltadas ao empreendedorismo feminino, ainda há uma lacuna significativa em programas específicos que atendam às necessidades das mulheres no mercado de trabalho. Criar iniciativas que incentivem a troca de experiências e a formação contínua pode ser um passo fundamental para fortalecer o empreendedorismo feminino no Brasil.

Diante desses desafios, torna-se evidente que a promoção do empreendedorismo feminino exige um esforço conjunto entre governo, instituições financeiras, redes de apoio e a própria sociedade. Conforme apontam Galvão *et al.* (2024), a superação dessas barreiras depende da implementação de políticas mais inclusivas, do incentivo à capacitação contínua e da ampliação do acesso das mulheres a oportunidades e recursos. Somente por meio de ações estruturadas será possível criar um ambiente mais favorável para que as mulheres empreendedoras possam crescer e contribuir ainda mais para o desenvolvimento econômico e social do Brasil.

3.3 Estratégias de Superação e Boas Práticas

Diante das dificuldades enfrentadas pelas mulheres empreendedoras no Brasil, diversas estratégias têm sido adotadas para mitigar os desafios e fortalecer os negócios liderados por elas. A superação dessas barreiras passa por iniciativas governamentais, apoio de instituições privadas, capacitação contínua e o uso da tecnologia como ferramenta de crescimento. Segundo Urtado e Santos (2023), as empreendedoras que conseguem acessar programas de suporte e desenvolver redes de contato ampliam suas chances de sucesso no mercado, tornando seus negócios mais resilientes e competitivos.

A capacitação e a qualificação profissional são fundamentais para a autonomia e o sucesso das mulheres empreendedoras. Martins, Gonçalves e Albuquerque (2023) destacam que empresárias que investem em cursos de gestão, marketing digital e finanças empresariais têm maior poder de decisão e competitividade no mercado. Programas de mentorias e treinamentos específicos para mulheres também têm se mostrado estratégicos para impulsionar seus negócios e ampliar suas oportunidades.

Outra iniciativa essencial é o incentivo ao ensino do empreendedorismo desde a educação básica e superior. Cardoso e Souza (2022) apontam que a inserção de disciplinas voltadas para a gestão de negócios e educação financeira em currículos acadêmicos pode preparar as mulheres para enfrentar os desafios do mercado com maior segurança e conhecimento técnico.

As redes de apoio e o networking têm se tornado ferramentas essenciais para a superação de desafios enfrentados pelas mulheres empreendedoras. Segundo Santos *et al.* (2020), a participação em grupos de apoio, fóruns de discussão e eventos do setor possibilita a troca de experiências e favorece o crescimento coletivo. Além disso, o fortalecimento de comunidades empreendedoras voltadas para mulheres contribui para o compartilhamento de boas práticas e cria oportunidades de parcerias e colaborações estratégicas.

O apoio de incubadoras e aceleradoras de negócios voltadas ao público feminino também tem sido um diferencial para muitas empresárias. Batista e Picheth (2025) ressaltam que esses programas fornecem suporte especializado, mentorias e acesso a redes de investidores, promovendo o crescimento estruturado das empresas lideradas por mulheres.

O fortalecimento das políticas públicas e iniciativas governamentais voltadas ao empreendedorismo feminino é essencial para reduzir as barreiras estruturais enfrentadas pelas mulheres. De acordo com Silva *et al.* (2023), programas como o Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (PRONAMPE) e linhas de crédito direcionadas a mulheres empreendedoras são fundamentais para ampliar o acesso a recursos financeiros.

Além das iniciativas governamentais, empresas privadas têm implementado programas de incentivo ao empreendedorismo feminino. Janssens e Romão (2022) destacam que corporações e instituições financeiras vêm criando soluções personalizadas para apoiar empresárias, como microcrédito com taxas reduzidas, consultorias especializadas e plataformas de marketplace exclusivas para mulheres empreendedoras.

O uso da tecnologia também se mostra uma aliada estratégica para impulsionar os negócios femininos. Rocha e Reis (2024) ressaltam que a digitalização permitiu que muitas mulheres expandissem suas empresas para novos mercados, facilitando a gestão financeira e operacional. Ferramentas como e-commerce, redes sociais e serviços de pagamento digital possibilitam maior autonomia e crescimento acelerado das empresárias.

A implementação de estratégias eficazes e boas práticas é fundamental para fortalecer o empreendedorismo feminino no Brasil. Conforme apontam Galvão *et al.* (2024), a união entre capacitação contínua, redes de apoio, incentivos financeiros e o uso da tecnologia pode criar um ambiente mais inclusivo e favorável às mulheres empreendedoras. Além de promover a autonomia financeira das empresárias, essas iniciativas impulsionam o desenvolvimento

econômico e social do país, contribuindo para a construção de um mercado mais equitativo e inovador.

3.4 Reflexões críticas e perspectivas futuras

O empreendedorismo feminino no Brasil tem apresentado avanços significativos nas últimas décadas, no entanto, ainda persiste um conjunto de desafios estruturais e culturais que limitam a plena inserção das mulheres no ecossistema empreendedor. A desigualdade de gênero continua sendo um dos principais entraves para a equidade no ambiente empresarial, refletindo-se na dificuldade de acesso a financiamentos, na precarização dos negócios liderados por mulheres e na sub-representação feminina em setores de alto valor agregado (Santos *et al.*, 2024).

A persistência da desigualdade de gênero no ecossistema empreendedor está associada a fatores históricos e culturais que ainda permeiam a sociedade. Segundo Cardoso e Souza (2022), o viés inconsciente afeta decisões empresariais, dificultando o reconhecimento da capacidade de liderança das mulheres e influenciando a concessão de crédito e investimentos. Além disso, a carga desproporcional de responsabilidades domésticas e o acúmulo de funções impactam diretamente a produtividade e a expansão dos negócios femininos.

Outro aspecto crítico é a segmentação do empreendedorismo feminino, que se concentra, majoritariamente, nos setores de serviços e comércio de pequeno porte. Martins, Gonçalves e Albuquerque (2023) ressaltam que a ausência de incentivo para a participação feminina em setores de maior inovação e tecnologia limita as oportunidades de crescimento e amplia a desigualdade econômica. Programas de incentivo específicos são necessários para estimular a presença feminina em áreas como Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática e no setor industrial.

A digitalização e as novas tecnologias têm desempenhado um papel fundamental na transformação do empreendedorismo, oferecendo alternativas para a superação de barreiras estruturais. Rocha e Reis (2024) afirmam que plataformas de e-commerce, redes sociais e soluções de pagamento digital têm permitido que muitas mulheres ampliem seus negócios sem a necessidade de investimentos iniciais elevados. Contudo, a falta de capacitação digital ainda é um obstáculo significativo, especialmente para empreendedoras em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

A desigualdade no acesso à tecnologia também se reflete na dificuldade de integração das mulheres aos ecossistemas de startups e inovação. Segundo Janssens e Romão (2022), a baixa representação feminina em programas de aceleração e incubadoras impede que empresárias tenham acesso a mentorias especializadas e redes de contato estratégicas. Isso reforça a necessidade de políticas públicas e iniciativas privadas que promovam maior inclusão digital e capacitação técnica para mulheres empreendedoras.

As políticas públicas são fundamentais para garantir maior equidade no empreendedorismo feminino. Segundo Batista e Picheth (2025), iniciativas governamentais voltadas para a concessão de crédito diferenciado, a redução da burocracia para formalização de negócios e o apoio a redes de mentorias femininas têm mostrado impacto positivo na redução das barreiras enfrentadas pelas empresárias. No entanto, a implementação dessas políticas ainda enfrenta desafios, como a falta de continuidade e a baixa adesão de instituições financeiras.

Outro ponto essencial é a necessidade de reformulação do arcabouço legal para garantir maior proteção e suporte às mulheres empreendedoras. Moreira e Andreassi (2020) destacam que legislações mais inclusivas, como incentivos fiscais para negócios liderados por mulheres e regulamentação de modelos de trabalho flexíveis, podem contribuir para um ambiente mais equitativo. Além disso, mecanismos de fiscalização são necessários para garantir que programas de incentivo realmente atendam ao público feminino.

O fortalecimento de redes de apoio e a valorização da liderança feminina também são aspectos essenciais para a construção de um ecossistema empreendedor mais inclusivo. Galvão *et al.* (2024) ressaltam que o incentivo à criação de coletivos empresariais femininos e o apoio à participação de mulheres em conselhos administrativos e espaços de decisão são fundamentais para a promoção de mudanças estruturais.

Logo, é imprescindível que empresas privadas também assumam um papel mais ativo na promoção da equidade de gênero. Segundo Silva *et al.* (2023), iniciativas empresariais que incentivam a diversidade no ambiente corporativo e apoiam o empreendedorismo feminino, por meio de programas de aquisição de produtos e serviços de mulheres empreendedoras, têm um impacto positivo tanto na economia quanto na inclusão social.

A análise do arcabouço teórico voltado ao empreendedorismo feminino no Brasil evidencia a existência de desafios estruturais e socioculturais que dificultam a consolidação e expansão dos negócios liderados por mulheres. Esses desafios incluem o acesso restrito a crédito, a burocracia excessiva, a sobrecarga da dupla jornada de trabalho e a falta de redes de apoio eficazes (Santos *et al.*, 2024). No entanto, a pesquisa também demonstra que, apesar dessas dificuldades, diversas estratégias têm sido adotadas para superar as barreiras e impulsionar a participação feminina no ecossistema empreendedor.

As barreiras enfrentadas pelas mulheres empreendedoras são multifacetadas e exigem soluções abrangentes. O acesso ao crédito, por exemplo, continua sendo um desafio crítico, uma vez que as empreendedoras enfrentam dificuldades para atender aos critérios bancários tradicionais. Para mitigar esse problema, diversas instituições financeiras têm implementado programas de microcrédito e taxas diferenciadas para mulheres, facilitando o financiamento de seus negócios (Silva *et al.*, 2023).

Além disso, a sobrecarga da dupla jornada de trabalho impacta diretamente a produtividade e o crescimento dos negócios femininos. Para lidar com essa questão, muitas empreendedoras têm adotado soluções como modelos de negócio flexíveis, teletrabalho e a terceirização de serviços administrativos, permitindo uma melhor conciliação entre vida profissional e pessoal (Rocha; Reis, 2024). Redes de apoio e mentorias também desempenham um papel essencial na redução do isolamento profissional das empresárias, oferecendo suporte técnico e emocional.

Outro ponto relevante é o impacto da capacitação no fortalecimento do empreendedorismo feminino. A falta de formação empresarial e gestão financeira pode comprometer a sustentabilidade dos negócios femininos. Dessa forma, programas de educação empreendedora, mentorias especializadas e capacitação em novas tecnologias têm sido fundamentais para impulsionar a confiança e a competitividade das mulheres no mercado (Martins; Gonçalves; Albuquerque, 2023).

Para reduzir as barreiras estruturais e sociais que limitam o crescimento do empreendedorismo feminino, algumas propostas devem ser consideradas. Primeiramente, é fundamental ampliar o acesso ao crédito e financiamento para mulheres empreendedoras, criando condições mais favoráveis para a obtenção de recursos. Políticas de incentivo, como garantias públicas e fundos de investimento exclusivos para empresárias, podem contribuir para a equidade no acesso ao capital (Batista; Picheth, 2025).

Além disso, é necessário promover iniciativas que incentivem a divisão equitativa das responsabilidades domésticas e familiares, permitindo que as mulheres possam se dedicar plenamente às suas atividades empresariais. Isso pode ser feito por meio de incentivos para empresas que adotem políticas de trabalho flexível e apoio à ampliação da oferta de serviços públicos de creche e educação infantil (Janssens; Romão, 2022).

A digitalização dos negócios é outra estratégia fundamental para aumentar a competitividade das mulheres empreendedoras. No entanto, Rocha e Reis (2024) destacam que muitas empresárias ainda enfrentam dificuldades na adoção de novas tecnologias devido à falta

de formação técnica. Dessa forma, programas de inclusão digital e treinamentos específicos para o uso de plataformas digitais devem ser implementados para garantir que as mulheres possam aproveitar ao máximo as oportunidades oferecidas pela economia digital.

Diante desse contexto, é possível afirmar que o futuro do empreendedorismo feminino no Brasil depende de um esforço conjunto entre setor público, privado e sociedade civil. A adoção de medidas estruturais que promovam a equidade de gênero, aliada à expansão da digitalização e ao fortalecimento das redes de apoio, pode contribuir para um ambiente de negócios mais justo e acessível para todas as mulheres empreendedoras.

Os resultados deste estudo reforçam a necessidade de formulação de políticas públicas que promovam a equidade de gênero no empreendedorismo. Em primeiro lugar, é essencial que os programas de incentivo ao empreendedorismo feminino sejam ampliados e melhor estruturados, garantindo acesso simplificado a recursos financeiros e redes de apoio.

Ademais, as políticas de inclusão digital e educação empreendedora devem ser fortalecidas, garantindo que mulheres de diferentes contextos socioeconômicos possam se beneficiar dessas iniciativas. Parcerias entre governos, instituições acadêmicas e o setor privado podem ser determinantes para a criação de programas eficazes e acessíveis (Moreira; Andreassi, 2020).

Dessa forma, é necessário um maior comprometimento das instituições financeiras e empresariais na promoção da equidade de gênero. A implementação de critérios inclusivos para concessão de crédito, o incentivo à presença feminina em conselhos administrativos e a criação de redes de apoio corporativas podem gerar impactos positivos de longo prazo no ecossistema empreendedor feminino (Galvão *et al.*, 2024).

Diante desse cenário, torna-se evidente que a promoção do empreendedorismo feminino exige a adoção de medidas estruturadas e integradas. Somente por meio de uma atuação coordenada entre setor público, privado e sociedade civil será possível criar um ambiente mais equitativo e propício ao desenvolvimento dos negócios liderados por mulheres no Brasil.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo abordou o empreendedorismo feminino no Brasil, destacando as principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres empreendedoras, as estratégias adotadas para superar essas barreiras e as perspectivas para o futuro. A análise revelou que, apesar do crescimento da participação feminina no ecossistema empreendedor, as desigualdades estruturais e socioculturais ainda representam entraves significativos para o desenvolvimento e consolidação dos negócios liderados por mulheres.

Entre os desafios identificados, destacam-se a dificuldade de acesso ao crédito, a burocracia para formalização dos negócios, a sobrecarga da dupla jornada de trabalho e a falta de redes de apoio eficazes. Além disso, a baixa representatividade feminina em setores de alto valor agregado e a desigualdade no acesso à tecnologia são fatores que limitam as oportunidades de crescimento das empresárias.

Diante desse cenário, foram apresentadas diversas estratégias e boas práticas que têm contribuído para mitigar essas dificuldades. O fortalecimento das políticas públicas, a ampliação das linhas de crédito específicas para mulheres empreendedoras, a capacitação profissional e o incentivo à digitalização são algumas das soluções apontadas para promover maior equidade no empreendedorismo feminino. Além disso, a criação e o fortalecimento de redes de apoio e mentorias são fundamentais para proporcionar um ambiente mais colaborativo e inclusivo para as empresárias.

Apesar dos avanços observados, ainda há desafios persistentes que precisam ser superados para garantir um ambiente mais justo e favorável para as mulheres empreendedoras. A falta de continuidade em programas de incentivo, a resistência cultural à equidade de gênero

e a sub-representação feminina em espaços de decisão são questões que demandam ações estruturais mais efetivas.

Nesse contexto, sugere-se que pesquisas futuras aprofundem a análise sobre o impacto das políticas públicas no empreendedorismo feminino, avaliando a efetividade das iniciativas implementadas e propondo novos modelos de intervenção. Além disso, estudos que explorem a relação entre tecnologia e equidade de gênero no ambiente empreendedor podem contribuir para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes na inclusão digital das mulheres empresárias.

Sendo assim, é essencial que o debate sobre o empreendedorismo feminino continue a ser fomentado em diferentes esferas da sociedade. Somente por meio de uma atuação coordenada entre setor público, privado e sociedade civil será possível garantir um ambiente mais inclusivo e equitativo, no qual as mulheres tenham plenas condições de desenvolver seus negócios e contribuir para o crescimento econômico e social do país.

Diante dos dados apresentados, especialmente no que tange ao aumento da representatividade das mulheres negras no empreendedorismo a partir de 2016, sugere-se, como encaminhamento para estudos futuros, o aprofundamento das análises voltadas especificamente ao empreendedorismo feminino entre mulheres negras. Esse recorte é fundamental para compreender as particularidades desse grupo, considerando os contextos históricos e sociais que influenciam suas trajetórias, as dificuldades enfrentadas, como o acesso desigual a crédito e capacitação, bem como as oportunidades emergentes a partir de políticas públicas e iniciativas voltadas à equidade racial e de gênero. Tal aprofundamento pode contribuir para a construção de estratégias mais inclusivas e eficazes no fortalecimento do empreendedorismo no Brasil.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Laila Dandara Barbosa; SILVA, Vitória Gabriely; FERREIRA, Poliana Gonçalves. O empreendedorismo feminino e a psicologia: uma revisão de literatura. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 6, n. 13, p. 1976-1991, 2023. Disponível em: <https://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/804/741>. Acesso em: 17 mar. 2025.

BATISTA, Amanda; PICHETH, Sara. Empreendedorismo feminino: os desafios experienciados por mulheres empreendedoras em diversos segmentos na cidade de Maringá-PR. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 10, n. 1, p. 204-236, 2025. Disponível em: <https://www.relise.eco.br/index.php/relise/article/view/898/943>. Acesso em: 17 mar. 2025.

CARDOSO, Marttina Sara Guimarães; DE SOUZA, Igor Guevara Loyola. Dificuldades que as mulheres enfrentam ao empreender: O papel das competências empreendedoras e da resiliência humana na superação dessas barreiras. **Revista Gestão em Análise**, v. 11, n. 2, p. 77-92, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/gestao/article/view/4044/1587>. Acesso em: 17 mar. 2025.

DA ROSA, Lia Fernanda *et al.* Rede de apoio e seu impacto no empreendedorismo feminino: um estudo com empreendedoras participantes do programa de extensão era rede que me faltava. **Revista Eletrônica de Administração e Turismo-ReAT**, v. 18, n. 1, p. 109-122, 2024. Disponível em: <file:///C:/Users/carol/Downloads/28132-Texto%20do%20artigo-104258-1-10-20241122.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2025.

DIAS, Rosilene da Silva Almeida *et al.* Empreendedorismo feminino: desafios e oportunidades em tempos de crise. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 15, n. 9, p. e3950-

e3950, 2024. Disponível em:
<https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/3950/2680>. Acesso em: 17 mar. 2025.

FABRÍCIO, Joiceli dos Santos; VIZEU, Fabio. Por uma ressignificação do empreendedorismo feminino a partir de três visões filosóficas sobre o gênero e poder. **REGEPE Entrepreneurship and Small Business Journal**, v. 13, n. 3, p. e2347, 2024. Disponível em: <https://regepe.emnuvens.com.br/regepe/article/view/2347/978>. Acesso em: 17 mar. 2025.

FERNANDES, Ronaldo Augusto Silva; DUARTE, Karoeny. Empreendedorismo Feminino: Análise de Perfil de Mulheres Empreendedoras no Brasil. **Revista Eletrônica Cosmopolita em Ação**, v. 6, n. 2, p. 1-11, 2020. Disponível em:
<https://revistas.icesp.br/index.php/Cosmopolita/article/view/1030/836>. Acesso em: 17 mar. 2025.

GALVÃO, Emilly *et al.* O perfil empreendedor: um estudo sobre o empreendedorismo feminino em uma comunidade da cidade de Manaus. **GeSec: Revista de Gestao e Secretariado**, v. 15, n. 1, 2024. Disponível em:
<https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/3421/2116>. Acesso em: 17 mar. 2025.

GIMENEZ, Fernando Antonio Prado; FERREIRA, Jane Mendes; RAMOS, Simone Cristina. Empreendedorismo Feminino No Brasil: Gênese E Formação De Um Campo De Pesquisa **REGEPE-Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 1, p. 40-74, 2017. Disponível em:
https://papers.ssrn.com/sol3/Delivery.cfm/SSRN_ID3154505_code2951248.pdf?abstractid=3154505&mirid=1. Acesso em: 17 mar. 2025.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR – GEM. **Empreendedorismo no Brasil: Relatório Executivo 2020**. Londrina: Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP), 2021. Disponível em: <https://www.gemconsortium.org/>. Acesso em: 17 mar. 2025.

JANSSENS, Kelem Camargo Boaretto; ROMÃO, Luiz Melo. Do Jeito Que Está Não Vai Dar Certo—Criação e Desenvolvimento de um Livro Interativo como Ferramenta de Apoio ao Empreendedorismo Feminino. **DAT Journal**, v. 7, n. 4, p. 268-279, 2022. Disponível em:
<https://datjournal.emnuvens.com.br/dat/article/view/645/503>. Acesso em: 17 mar. 2025.

JONATHAN, Eva Gertrudes. Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida. **Psicologia em Estudo**, v. 10, p. 373-382, 2005. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pe/a/GLRTzNTHBNzkQVQD3BzFGNk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 mar. 2025.

MARTINS, Raiza Dos Santos; GONÇALVES, Wendel; ALBUQUERQUE, Francivaldo. Estratégias de Sobrevivência e Crescimento de Negócios Femininos na Região do Marajó–Pará. **Revista Paraense de Contabilidade**, v. 8, n. 2, p. e141-e141, 2023. Disponível em:
<https://crcpa.org.br/revistaparaense/index.php/crcpa/article/view/141/125>. Acesso em: 17 mar. 2025.

MOREIRA, Márcia Athayde; ANDREASSI, Tales. Sobre a Relação de Confiança e Mentoria entre Contadoras e Empreendedoras para Superação de Barreiras e Alcance do Sucesso em Negócios Liderados por Mulheres. **In: USP International Conference in Accounting**. 2020.

Disponível em: Sobre a Relação de Confiança e Mentoria entre Contadoras e Empreendedoras para Superação de Barreiras e Alcance do Sucesso em Negócios Liderados por Mulheres. Acesso em: 17 mar. 2025.

PENHA, Jaine da; SAQUETTO, Thiago Chieppe. Empreendedorismo feminino entre discentes no ensino superior em um instituto federal de ciência, tecnologia e inovação. **Revista Ifes Ciência**, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/4541/EMPREENDEADORISMO%20FEMININO%20ENTRE%20DISCENTES%20NO%20ENSINO%20SUPERIOR%20EM%20UM%20INSTITUTO%20FEDERAL%20DE%20CI%3%8aNANCIA%2c%20TECNOLOGIA%20E%20INOVA%3%87%3%83O.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 mar. 2025.

RIBEIRO, F. J. C.; SILVA, M. B. A.; MACEDO, K. G.; BUENO, M. P. Empreendedorismo feminino no Brasil. **RECIMA21 -Revista Científica Multidisciplinar**. v.4, n.11, 2023. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/4417/3091>. Acesso em: 17 mar. 2025.

ROCHA, Michelle Alves; REIS, Liana Eida Marques. O empreendedorismo feminino no Brasil: desafios e oportunidades no período de 2019 até 2024. **FACEF Pesquisa-Desenvolvimento e Gestão**, v. 27, n. 3, 2024. Disponível em: <http://periodicos.unifacef.com.br/facefpesquisa/article/view/2868/1985>. Acesso em: 17 mar. 2025.

SANTOS, Deise Adriane *et al.* Empreendedorismo Feminino: Um Estudo sobre as Motivações e Características das Empreendedoras da CMEG de Toledo-PR. **Connection Scientific Journal**, v. 3, n. 3, p. 22-37, 2020. Disponível em: <https://csj.abpsec.org.br/index.php/csj/article/view/28/26>. Acesso em: 17 mar. 2025.

SANTOS, Onicelma Gonçalves *et al.* Empreendedorismo como estratégia transformadora para mulheres em situação de violência doméstica e familiar. **Lumen et virtus**, v. 15, n. 39, p. 1807-1822, 2024. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/LEV/article/view/155/263>. Acesso em: 17 mar. 2025.

SANTOS, Rayla; SILVA, Renan. Os fatores condicionantes para o empreendedorismo feminino local: um olhar para os empreendimentos em São José do Belmonte-PE. **Cadernos de Gestão e Empreendedorismo**, v. 9, n. 1, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/79f7/03bb6554afef828c2464aa5f7565992b41d5.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2025.

SAUER, Bruna Carolina Schulz; PESCADOR, Suziméri Vilas Bôas; WALTER, Silvana Anita. Análise dos desafios para o empreendedorismo feminino no município de Marechal Cândido Rondon. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, v. 25, n. 45, p. 81-106, 2023. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/csaemrevista/article/view/31367/22336>. Acesso em: 17 mar. 2025.

SEBRAE. **Empreendedorismo feminino no Brasil: relatório de inteligência**. Brasília: SEBRAE, 2024. Disponível em: https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2024/04/2024-04-02-relatorio_empreendedorismo_feminino_202304.pdf. Acesso em: 17 mar. 2025.

SILVA, Bruno Dantas *et al.* Empreendedorismo feminino: revisão da literatura científica. **Disciplinarum Scientia| Sociais Aplicadas**, v. 19, n. 2, p. 127-142, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumSA/article/view/4766/3257>. Acesso em: 17 mar. 2025.

SILVA, Flávia Maria *et al.* Projetos municipais de intraempreendedorismo: a participação de mulheres no prêmio Sebrae prefeito empreendedor. **Gestão e Projetos: GeP**, v. 14, n. 2, p. 128-156, 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/9112936.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2025.

URTADO, Joice Da Silva; SANTOS, Alessandra Maria Filippin. Empreendedorismo feminino na feira municipal de Juara-MT. **Revista de Ciências Contábeis| RCiC-UFMT**, v. 14, n. 27, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rcic/article/view/15882/13946>. Acesso em: 17 mar. 2025.

VALOR ECONÔMICO. **Participação feminina cresce no empreendedorismo brasileiro**. 25 jul. 2024. Disponível em: <https://valor.globo.com/patrocinado/dino/noticia/2024/07/25/participacao-feminina-cresce-no-empendedorismo-brasileiro.ghtml>. Acesso em: 17 mar. 2025.

XAVIER, Antônio Roberto *et al.* Empreendedorismo feminino em Barreira, Ceará, Brasil. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 14, n. 4, p. 5011-5029, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/1964/986>. Acesso em: 17 mar. 2025.